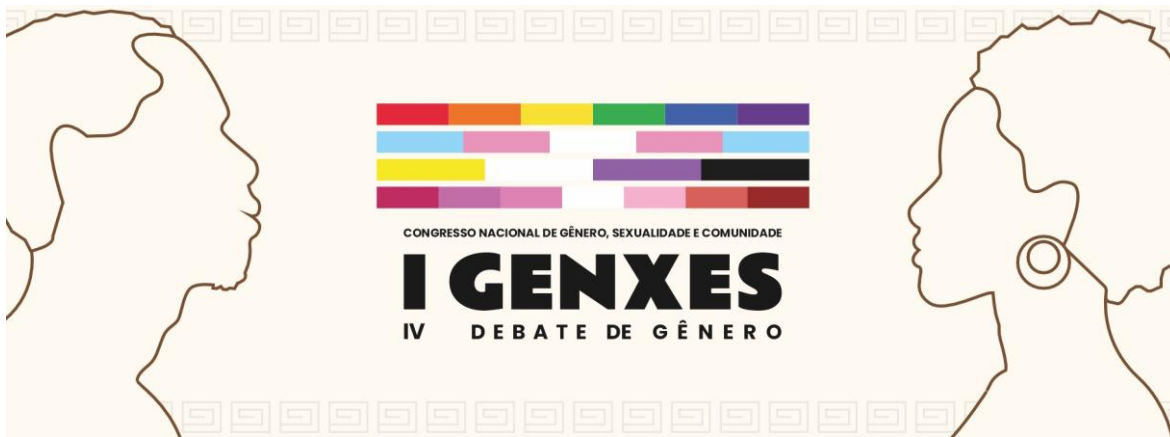




## **SILÊNCIOS DIDÁTICOS E PRESENÇAS NEGADAS: A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NOS VOLUMES 2 E 4 DA COLEÇÃO MODERNA PLUS**

**Eixo Comunitário: Educação das Relações Étnico-raciais, Gênero e Sexualidade**

Carla Emanuela de Melo Lima<sup>1</sup>  
Cícero Joaquim dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar criticamente a representatividade — ou a ausência dela — das mulheres negras nos volumes 2 (Globalização, Emancipação e Cidadania) e 4 (Poder e Política) da coletânea didática Moderna Plus, adotada no Novo Ensino Médio. A investigação parte da constatação de que o livro didático, embora seja uma ferramenta pedagógica relevante, frequentemente reproduz narrativas hegemônicas que silenciam sujeitos historicamente marginalizados. A pesquisa adota como referencial teórico os estudos de gênero e raça, com ênfase na interseccionalidade proposta por autoras como Patricia Hill Collins (2021), Lélia Gonzalez (2020) e Joan Scott (1995). As fontes analisadas são os próprios volumes da coletânea, examinados por meio de análise qualitativa de conteúdo, a partir de categorias como silenciamento, ausência de protagonismo e estereotipação. Os resultados obtidos até o momento apontam para uma invisibilidade sistemática das mulheres negras nos textos e imagens dos materiais, revelando um descompasso entre a proposta pedagógica anunciada pela coleção e sua efetivação no conteúdo apresentado. A pesquisa encontra-se na fase final, com sistematização dos dados e elaboração de propostas pedagógicas que promovam maior inclusão e valorização das narrativas negras femininas no ensino de História.

**Palavras-chave:** Mulheres negras; livro didático; ensino de história; representatividade; interseccionalidade.

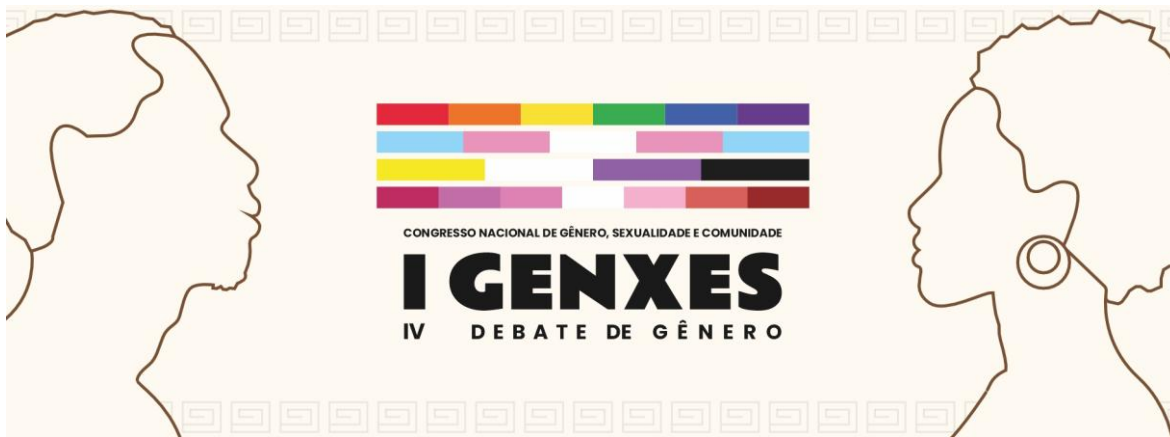
## **INTRODUÇÃO**

Partindo da percepção de que a invisibilidade das mulheres negras nos livros didáticos compromete a construção de uma consciência histórica plural, esta pesquisa

---

<sup>1</sup> Graduação em História pela Universidade Regional do Cariri (2010), especialização em História e Geopolítica pela Faculdade São Francisco (FASP) e Mestranda no Profhistória pela Universidade Regional do Cariri-URCA (2023-2025). Professora da Rede Pública Estadual de Ensino do Estado do Ceará (SEDUC) na Escola EEMTI. Padre José Alves de Macedo- Icó-Ceará desde o ano de 2012.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (Profhistória) e Mestrado Profissional em Educação (PMPEDU/URCA). Líder do Núcleo de História Oral, Memória e Diversidades (NHISTAL/URCA). Esse trabalho é resultado do projeto GENXES: Oficinas de Ensino de História, Gênero e Sexualidade, desenvolvido com o financiamento da PROEX/URCA.

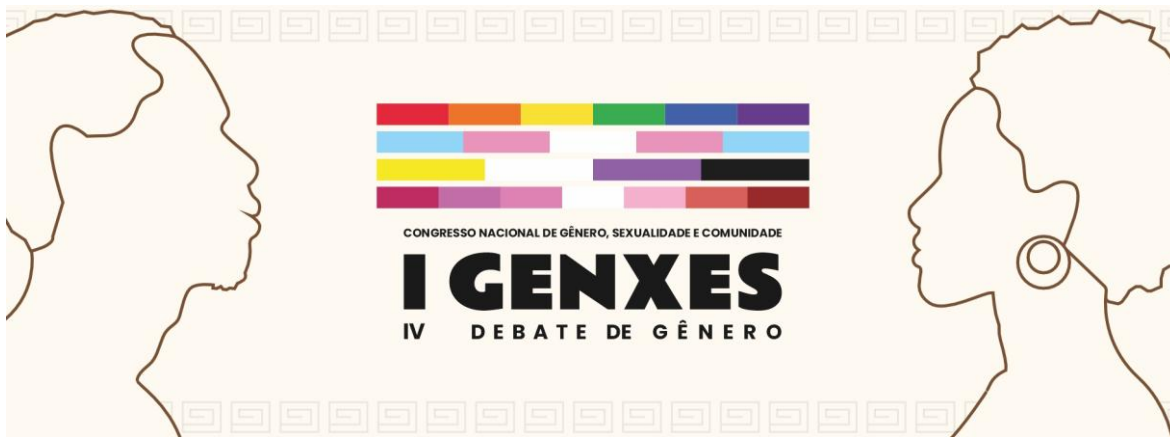


propõe-se a analisar como os volumes 2 (Globalização, Emancipação e Cidadania) e 4 (Poder e Política) da coletânea Moderna Plus representam — ou silenciam — essas mulheres. A escolha desses volumes se justifica pela relevância temática, dado que tratam de questões como desigualdade, cidadania, democracia e relações de poder, todas elas atravessadas por marcadores de raça, gênero e classe.

O objetivo geral do trabalho é investigar as representações das mulheres negras nesses dois volumes da coletânea Moderna Plus, problematizando os conteúdos, imagens e atividades sob a ótica das relações étnico-raciais, de gênero e da representatividade histórica. Como objetivos específicos, propõe-se: (1) examinar o papel do livro didático no Ensino de História no contexto do Novo Ensino Médio; (2) identificar as lacunas e omissões relativas às mulheres negras nos volumes selecionados; e (3) desenvolver propostas pedagógicas complementares que contribuam para uma prática docente mais inclusiva e crítica.

A abordagem teórica do estudo está ancorada em três pilares fundamentais: os estudos de gênero, os estudos étnico-raciais e os estudos sobre representatividade e currículo. Joan Scott (1995) é referência central para a compreensão do gênero como uma categoria analítica das relações de poder. Complementam essa perspectiva as contribuições de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), que propõem a interseccionalidade como uma lente para analisar as múltiplas formas de opressão que afetam as mulheres negras. No campo étnico-racial, os estudos de Kabengele Munanga (2019) e Lélia Gonzalez (2020) oferecem base para compreender o racismo estrutural e a urgência de um feminismo afro-latino-americano. Já Stuart Hall (2006), ao discutir as representações como disputas simbólicas, permite compreender como as imagens e narrativas presentes nos livros didáticos moldam identidades e subjetividades.

Por fim, este trabalho pretende contribuir para a consolidação de práticas pedagógicas antirracistas e feministas no ensino de História, pautadas na valorização das vozes historicamente marginalizadas. Ao investigar criticamente a coletânea Moderna Plus, busca-se fomentar uma educação verdadeiramente democrática, capaz de formar sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com a justiça social.



## **METODOLOGIA**

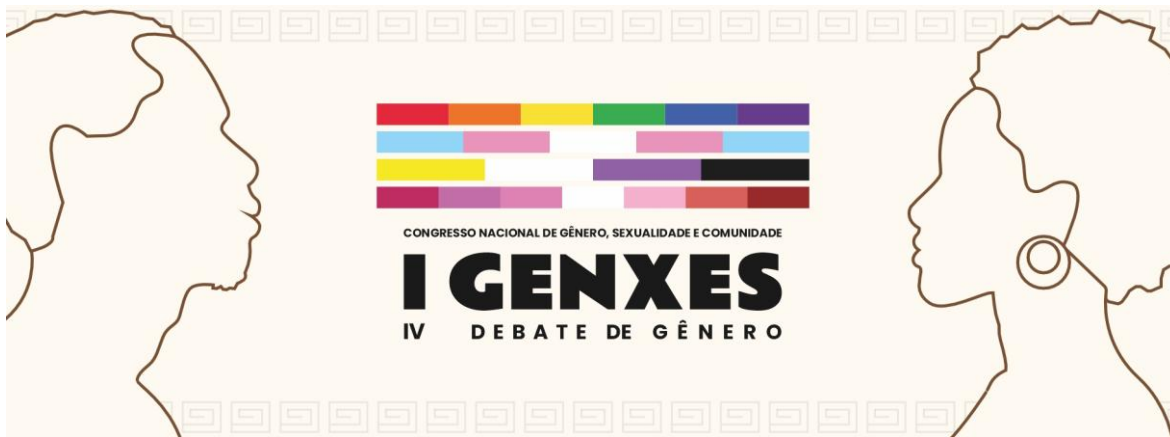
Do ponto de vista metodológico, adota-se a análise de conteúdo como estratégia central, conforme proposta por Sousa e Santos (2020). Essa abordagem permite uma leitura crítica dos textos e imagens dos volumes selecionados, identificando sentidos explícitos e implícitos que orientam a construção das representações históricas. O processo será desenvolvido em três etapas: (1) mapeamento das ocorrências temáticas nos volumes 2 e 4; (2) análise interpretativa com base nos referenciais teóricos; e (3) elaboração de recursos didáticos suplementares voltados para a valorização das mulheres negras no ensino de História.

Essa escolha metodológica está fortemente vinculada à experiência da pesquisadora como professora da rede pública de ensino, o que confere ao trabalho uma dimensão prática e comprometida com a transformação da realidade escolar. Projetos anteriores, como o “Elas por Elas”, desenvolvido no Ceará Científico 2023, revelaram não apenas o interesse dos estudantes pela temática da visibilidade das mulheres negras, mas também a carência de materiais adequados que dialoguem com suas vivências e identidades.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nos dois volumes analisados, é notável a escassez de menções a figuras femininas negras nos textos principais. Ainda que o material aborde temas como escravidão, movimentos sociais, cidadania e lutas por direitos, a representação da mulher negra enquanto sujeito histórico ativo é, na maior parte das vezes, ausente. A narrativa histórica permanece centrada em figuras masculinas ou brancas, reforçando um modelo eurocêntrico e patriarcal de historiografia.

O volume 2, por exemplo, ao tratar da formação da economia global, da escravidão atlântica e das lutas de emancipação, menciona lideranças negras como Toussaint Louverture e a Revolução Haitiana. No entanto, as mulheres negras — essenciais nas redes de resistência



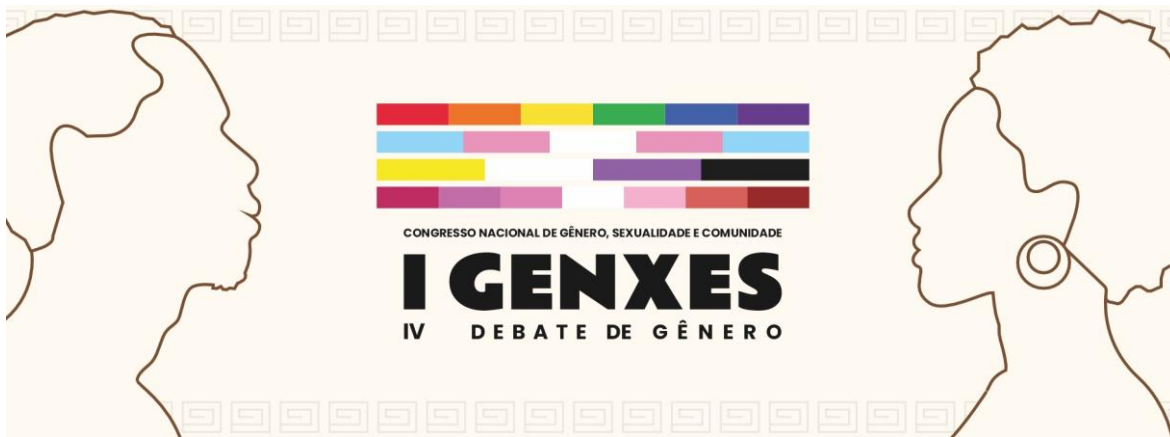
cotidiana e nas estratégias de sobrevivência — são ignoradas. Essa ausência não é casual, mas representa uma opção editorial que mantém o apagamento de vozes dissidentes da história hegemônica.

No volume 4, dedicado ao poder e à política, o mesmo padrão se repete. Embora haja discussões relevantes sobre os movimentos de independência e revoluções sociais, as representações femininas negras inexistem. Mesmo ao tratar de movimentos contemporâneos ou de práticas de cidadania, o enfoque permanece genérico ou restrito a outras categorias sociais, como gênero sem racialização, ou raça sem enfoque de gênero. Ou seja, falta a perspectiva interseccional que permitiria visibilizar a mulher negra como sujeito político.

Quando há alguma presença feminina negra nas imagens dos livros, elas geralmente aparecem em contextos passivos, como personagens secundárias em retratos históricos de escravidão ou pobreza. Em nenhum momento elas são retratadas como intelectuais, lideranças políticas ou produtoras de conhecimento. A iconografia reforça uma narrativa de subalternidade, que acaba por naturalizar a exclusão dessas mulheres dos espaços de poder e decisão. Essa ausência de representatividade simbólica compromete diretamente a construção da identidade de estudantes negras. Como apontam Hall (2006) e Gonzalez (2020), a representação é um processo formativo que constrói significados e molda subjetividades. A ausência simbólica é, portanto, também uma forma de violência epistêmica.

A escassez de conteúdos que representem mulheres negras impacta diretamente a formação dos estudantes e das práticas docentes. Professores comprometidos com uma educação antirracista e feminista enfrentam dificuldades em encontrar materiais que sustentem suas práticas em sala de aula. Como apontado pela própria experiência da pesquisadora no projeto “Elas por Elas”, desenvolvido na rede pública cearense, os estudantes demonstram interesse pela temática, mas carecem de conteúdos adequados.

Esse resultado reitera a importância de recursos pedagógicos complementares, como sequências didáticas específicas, inclusão de autoras negras nos materiais de apoio, e



o uso de metodologias que permitam a valorização das memórias e vivências dos próprios estudantes.

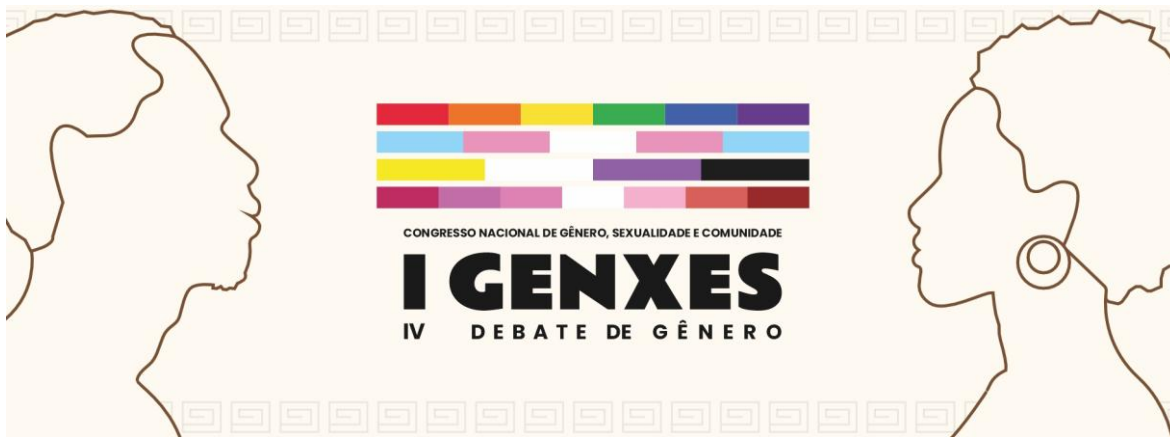
## CONCLUSÃO

A análise dos volumes 2 (Globalização, Emancipação e Cidadania) e 4 (Poder e Política) da coletânea Moderna Plus, à luz dos estudos de gênero, das relações étnico-raciais e da perspectiva interseccional, revelou a persistente invisibilização das mulheres negras no material didático do Novo Ensino Médio. Apesar do discurso oficial da coleção — que preconiza uma educação crítica, inclusiva e voltada à cidadania —, o conteúdo efetivamente apresentado nos textos e imagens permanece preso a uma narrativa histórica tradicional, eurocentrada e masculina, deixando à margem as experiências, saberes e protagonismos das mulheres negras brasileiras e latino-americanas.

A ausência dessas vozes no ensino de História não é apenas uma falha de representatividade, mas uma limitação epistemológica que compromete o processo formativo dos estudantes. Ao silenciar essas trajetórias, o livro didático contribui para a manutenção de um imaginário social excludente, no qual determinadas identidades são sistematicamente marginalizadas. Como nos alerta Lélia Gonzalez (2020), não se trata apenas de ausência de corpos negros femininos, mas da negação de sua agência histórica, intelectual e política.

Os resultados demonstraram, ainda, a existência de um descompasso entre as orientações pedagógicas presentes nos manuais e a prática efetiva dos volumes analisados. Embora haja menções à importância de promover uma educação pautada na diversidade e no combate às desigualdades, essas diretrizes não se traduzem em conteúdos que mobilizem, de fato, uma abordagem interseccional crítica e comprometida com a justiça social.

Neste sentido, a pesquisa reforça a necessidade urgente de revisão crítica dos materiais didáticos à luz de perspectivas antirracistas e feministas negras. A presença das mulheres negras nas narrativas escolares deve ultrapassar o campo da representação



simbólica e alcançar também a esfera da produção de conhecimento, em que essas mulheres são reconhecidas como pensadoras, lideranças e educadoras.

Do ponto de vista pedagógico, a pesquisa aponta para a importância de práticas complementares que desafiem o currículo oculto e promovam espaços de escuta e valorização das identidades diversas presentes na sala de aula. O papel do(a) professor(a), nesse processo, é central: é ele(a) quem pode tensionar as ausências, ressignificar os silêncios e construir pontes entre o conteúdo formal e a realidade vivida pelos(as) estudantes.

Conclui-se, portanto, que o ensino de História comprometido com a democracia e os direitos humanos precisa reconhecer e incorporar, de forma efetiva, as múltiplas vozes que constituem a história brasileira — e, entre elas, a das mulheres negras. Somente assim será possível transformar o livro didático em um instrumento de emancipação, e não de reprodução das desigualdades.

## REFERÊNCIAS

- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006.
- MODERNA PLUS. **Globalização, emancipação e cidadania**. São Paulo: Moderna, 2020.
- MODERNA PLUS. **Poder e política**. São Paulo: Moderna, 2020.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.º 2, jul./dez. de 1995, pp. 71-99.
- SOUZA, Angelio Santos. **Educação antirracista e material didático: análises, perspectivas e possibilidades para a sala de aula**. 2024. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/870402>. Acesso em: 08 abr. 2025.